

# (DES)COSTURANDO AS TRAMAS DO DIA A DIA: REFLEXÕES SOBRE A VIDA COTIDIANA NA HISTÓRIA

 10.5935/2177-6644.20210015

UNRAVELING THE THREADS OF DAY TO  
DAY: THOUGHTS ABOUT DAILY LIFE IN  
HISTORY

DESHILANDO LA TRAMA DEL DÍA A DÍA:  
REFLEXIONES SOBRE LA VIDA  
COTIDIANA EN LA HISTORIA

**Filipe Arnaldo Cezarinho \***

 <https://orcid.org/0000-0003-1593-268X>

**Lucas Kosinski \*\***

 <https://orcid.org/0000-0003-3118-4191>

*O presente dossiê é dedicado à memória do historiador André  
Malinski.*

*La vida cotidiana no esta fuera de la historia, sino en el centro  
del acontecer historico.  
Pilar Gonzalbo Aizpuru (2006).*

“Qual o lugar do cotidiano na História?”<sup>1</sup> Contradito pelos apologistas das grandes narrativas, o cotidiano fora por muito tempo objeto de pouco escrutínio por parte de historiadores (as) e demais cientistas da sociedade. Todavia, sua grandeza não pôde ser dirimida. O que temos observado nas últimas décadas é o proliferar de produções que elevaram o cotidiano, oferecendo tônicas de complexidade às análises sociais. Assim como a epígrafe deste texto, extraída das reflexões da Gonzalbo Aizpuru (2006), concebemos a vida cotidiana em sua forma mais íntima com a história.

Sair à rua para comprar pão, praticar exercícios físicos pelos espaços da cidade, sentar-se com velhos conhecidos nos bancos das praças para uma tarde de dominó, ou para uma tarde de baralho, reunir-se com os amigos para tomar um café, ou um chá, apresentar-se em certos lugares públicos com distintas vestimentas, “dar-se ao luxo” de vestir-se com simplicidade no aconchego

\* Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email:  <http://lattes.cnpq.br/9743584475478836> - E-mail: [cezarinhohistoria@hotmail.com](mailto:cezarinhohistoria@hotmail.com).

\*\* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email:  <http://lattes.cnpq.br/1042660159646875> - E-mail: [kosinski\\_lucas@hotmail.com](mailto:kosinski_lucas@hotmail.com).

<sup>1</sup> Assim iniciávamos a apresentação da compilação *A história vista pelo cotidiano: lugar de vivências e resistências*, publicada pela Gradus Editora, em 2020. O principal objetivo da proposta foi concatenar um conjunto de estudos que dessem atenção às questões patentes do cotidiano. O presente dossiê pode ser compreendido dentro de uma continuidade reflexiva desse projeto Ver: CEZARINHO; KOSINSKI, 2020.

do lar, realizar as atividades domésticas rotineiras, usar *smartphones* conectados à rede mundial quase que 24h por dia, por exemplo, são, sem dúvida alguma, situações que podem passar como despercebidas por qualquer pessoa. A ideia de naturalidade advém como condição definidora dessas ocorrências. Então, a pergunta a ser feita é: o que há de importante ou o que se pode perscrutar através de relações tão banais existentes na vida social?

Na busca por resposta desse questionamento, e olhando para a sequência de ações desveladas acima, em nenhuma circunstância pode o (a) historiador (a) tomá-las como um processo natural das relações humanas ou, muito menos, como insignificantes para o conhecimento. Tais manifestações podem nos oferecer sinais de algo mais amplo. Na verdade, uma observação mais sofisticada por parte do (a) historiador (a), assim como do (a) antropólogo (a), do (a) sociólogo (a), do (a) linguista, do (a) museólogo (a), do (a) pedagogo (a), do (a) cientista social (a) etc., pode viabilizar chaves de partida para se apreender desenhos socioculturais elaborados historicamente em coletividade. Em outros termos, pode viabilizar mecanismos para interpretação da vida cotidiana.

Mas, se o cotidiano compreende desde o discurso cuidadosamente elaborado e proferido pelo político e transmitido pela tv e rádio em toda a rede nacional, ele ainda compreende os riscos e rabiscos que o (a) leitor (a) atento (a) ou desatento (a) faz nas páginas de um livro na intimidade de seu lar. Nas pequenas cidades ou vilas, ele incorpora os longos diálogos dos (as) vizinhos (as) que fofocam por horas no perímetro das cercas que separam as casas sem que aparentemente saibam do precioso instrumento de poder de que dispõem (ELIAS; SCOTSON, 2000); e também o gesto apressado e individualista de alguém que aperta o botão que fecha a porta do elevador, quando algum vizinho ou desconhecido se aproxima do *hall* dos prédios nas grandes metrópoles.

Nesse sentido, se tudo faz parte do cotidiano, seria exagero afirmar que o cotidiano não existe? Rompendo com esse niilismo, acreditamos que além de reconhecer que as práticas mais banais do dia a dia não são naturais, é preciso reconhecer os seus significados, pois como defendeu Marshall Sahlins (2011, p. 7):

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática.

Considerando os esquemas culturais é possível aventarmos diferentes reflexões sobre o tema em questão. Seja em uma perspectiva teórica que o compreende como estruturado. Isso significa dizer que é por meio da cotidianidade que aprendemos saberes, ideologias, hierarquias, discursos e muitas outras dimensões da existência social. Neste caso, lidaríamos, por exemplo, com padrões

alimentares, concepções estéticas impostas aos corpos, formas de lazer, representações, relações de poder e mudanças substantivas na comunicação de certa sociedade, como nos informa Agnes Heller (1970). Seja em outra perspectiva teórica que compreende o cotidiano como terreno das estratégias e das táticas, dos espaços e dos lugares, das mil e uma maneiras de negar a ordem estabelecida, como salientou Michel de Certeau (1998). Seja como no campo das negociações. Aqui não apenas a negação é pautada, mas a sua própria superação é revelada. Sobem ao palco os jogos, as tramas, as redes de relações e interrelações que dão ênfase ao substrato social. Vivência, resistência e negociação tornam-se modulares, como sublinhou Edward Thompson (1998).

Abrindo-se à tamanha multiplicidade teórica, mas não se restringindo especificamente à ela, a proposta do presente dossiê não se fechou na disciplina histórica. Visou estabelecer um diálogo interdisciplinar que trouxe para o centro das atenções o “palco do dia-dia”. Acreditamos que olhar a fonte histórica a partir da vida cotidiana é parte de um estilo, uma atitude intelectual extremamente pujante para se analisar fenômenos socioculturais em realidades variadas e em temporalidades múltiplas. Métodos, procedimentos, conceitos, categorias e fontes distintos são bem-vindos para dar vitalidade e protagonismo ao que é considerado trivial. Assim, entendemos esse conjunto de textos, como resultado de um trabalho de ateliê centrado nos pequenos detalhes, nos pormenores dos acontecimentos costurados por tramas de significados quase invisíveis (GEERTEZ, 1978) por fim descosturados pelos pesquisadores (as) convidados (as) para alcançar as experiências das pessoas comuns.

Os (as) pesquisadores (as) convidados para compor esse dossiê trouxeram contribuições significativas para o estudo do cotidiano sob diferentes enfoques, a começar pelo artigo *Processos crime e inquéritos policiais como fontes históricas para o estudo do cotidiano*. Tendo como mote as fontes criminais do Arquivo Público da cidade de Castro, Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski demonstra a potencialidade desses documentos para escrita da História que discorre sobre os aspectos da vida diária, dificilmente encontrados em outras fontes oficiais. Inspirada por Arlette Farge, a autora sugere que a investigação com fontes dessa natureza, para além de um cuidado teórico e metodológico, requer também um cuidado ético.

Em *Um bronze fotogênico na praça: Carlos Gomes por João Turin*, Larissa Guedes Busnardo, valendo-se do cenário político da Primeira República na capital do Paraná, bem como nas reflexões teórico-metodológicas de Crary, Henisch e Miceli, trata dos sentidos que perpassaram a invenção das memórias pedagógicas e as narrativas políticas nas reproduções fotográficas do busto do maestro Carlos Gomes, realizado de modo fotogênico pelo escultor João Turin. A autora

ampara-se em documentos visuais para estudo das apropriações da linguagem escultórica pela imagem técnica em um contexto de intensa produção artística e fortalecimento da identidade nacional no cotidiano curitibano.

Dos documentos visuais aos diários. As experiências escolares no contexto do Covid-19 foram destaques na abordagem das pesquisadoras Natália Vial de Oliveira e Maria Eduarda Meirelles Pedretti. Utilizando-se de diários construídos por participantes do Núcleo de História vinculado ao Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e preenchidos pelos (as) residentes, investigou-se os infortúnios cotidianos da transposição da escola para a casa, jogo de palavras muito bem elaborado pelas autoras a partir dos apontamentos teóricos de Michel de Certeau. *Praticando a escola em outros espaços: o cotidiano escolar no ensino remoto em Seropédica (2020-2021)*, traz as implicações, angústias, criatividade, improvisos e, acima de tudo, o distanciamento humano entre os atores e atrizes sociais envolvidos na trama vivida.

Dificuldades e empecilhos também são elementos constituintes das políticas patrimoniais. É essa a proposta de investigação da professora Sura Carmo ao enveredar pelo patrimônio afro-brasileiro na Bahia, especificamente na cidade de Salvador. Mesmo com o evidente reconhecimento pelas legislações recentes, a autora vislumbra resistências, preconceitos e arranhaduras de grupos integrantes de instituições modais que efetivam ações de patrimonialização, a exemplo do IPHAN, quando o tema está voltado para o patrimônio negro. Alicerçado em uma alargada literatura sobre a temática, *O patrimônio afro-brasileiro no cotidiano soteropolitano* tem muito a dizer sobre as divergências e relações de poder cotidianas que circundam as políticas, instâncias e agentes interessados pelo patrimônio.

Se as marcas materiais e imateriais do patrimônio informam conflitos, o que dizer das tatuagens presentes nos corpos de criminosos na primeira metade do século XX, no Rio de Janeiro? O objetivo de Wellington do Rosário de Oliveira, em *Confissões fúnebres, adorno e o frenesi da violência: o significado das tatuagens em criminosos nas Revistas Policiais do Rio de Janeiro (1907-1940)*, foi o de decodificar as identidades, narrativas e representações conferidas àquelas pessoas que cometiam crimes a partir de suas tatuagens. Um estudo cuidadoso e interessante que se debruçou em periódicos da época para sua construção histórica.

*“Amuada e orgulhosa”*: mulheres casadas na imprensa paraense, das historiadoras Flaviana Moraes Pantoja e Izabel Cristine Silva dos Santos, nos leva para o final da década de 1930, no estado do Pará, para compreender as representações cotidianas que a imprensa católica veiculava

sobre as mulheres. Direcionando a lupa analítica para o periódico *A Palavra*, e ativando as contribuições teóricas de Roger Chartier sobre representações, principalmente, as intelectuais vislumbram modelos, valores, regras de conduta e comportamento formulados por homens e mulheres da época, mesmo quando que, na prática, eram os homens que redigiam o indicado jornal. Acreditamos que, se pensarmos dentro de uma longa duração, o presente artigo permite o estabelecimento de comparações interessantes com o nosso presente.

Ao efetuar análise taxonômica de fontes produzidas em âmbitos políticos, Gabriel de Azevedo Maraschin demonstra com destreza um dos princípios básicos que todo (a) historiador (a) precisa ter com seus vestígios históricos: o cuidado metodológico. O estrato temporal e os acontecimentos que deram condições de possibilidade às fontes; a postura ideológica de quem as produziu; as intencionalidades; e a própria posição da fonte são discutidos em seu trabalho. *Enxergando o cotidiano em fontes para a História Política e História das Ciências por meio de uma análise taxonômica*, é, também, um exercício de deslocamento de olhares. Deslocamento que o leva a pensar sobre o cotidiano dos autores de suas fontes tanto em âmbito institucional como nas relações sociais com seus familiares e no dia a dia em outros contextos espaciais.

*A rosa enquadrada: vidas não normativas na litonovela de Raul Cruz* é de autoria de André Malinski. O autor fundamenta-se nas teorizações de Judith Butler a respeito dos enquadramentos como mecanismo de preservação de certos modos de vida, e sugere a possibilidade de *A Rosa*, sequência de litogravuras produzida nos anos 1980 pelo artista Raul Cruz, ser entendida como “um testemunho do seu tempo”, caracterizado pela normatização da heterossexualidade através do exercício político do poder, mas também pela existência de vidas que cotidianamente resistem e escapam à condição normativa.

O ensaio *Modernidade e exclusão social na urbs viciosa: Curitiba início do século XX* é de autoria de Amanda Corrêa Tortato e Otávio Weinhardt. Nesse texto, o autor e a autora refletem algumas sensibilidades resultantes do processo de modernização da capital Curitiba identificadas nas crônicas do periódico *O Paraná*. Apesar de modesta em comparação aos grandes centros urbanos da época, a entrada de Curitiba à modernidade além de representar o culto ao desenvolvimento e ao progresso, significou a emergência de sentimentos contraditórios no dia-dia das pessoas comuns; como o medo, a insegurança e a exclusão social, ambos sentimentos rastreados pelos autores no periódico em questão.

O número atual conta ainda com três artigos, um projeto de pesquisa, uma resenha, uma tradução e uma entrevista. Antes de publicarmos esse compilado de textos, fomos surpreendidos

com o súbito falecimento de André Malinski. Nós organizadores, reconhecemos a valiosa contribuição dada por Malinski à Revista TEL, e como forma de singela homenagem, dedicamos o presente dossiê à sua memória. Ao (à) leitor (a) que nos acompanhou até aqui desejamos por fim, uma boa leitura.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Formação do Estado e Civilização 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GONZALBO AIZPURU, Pilar. **Introducción a la historia de la vida cotidiana**. México, D. F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.